

ESPORTE, MODERNIDADE E SECULARIZAÇÃO: NOTAS SOBRE A PRESENÇA DA TRADIÇÃO RELIGIOSA REFORMADA ANGLO-SAXÃ NO ESPORTE MODERNO

SPORT, MODERNITY AND SECULARIZATION: NOTES ABOUT THE PRESENCE OF THE REFORMED ANGLO-SAXAN TRADITION IN MODERN SPORT

Santiago Pich¹

RESUMO

O artigo problematiza a relação com o corpo produzida na tradição do cristianismo reformado do contexto anglo-saxão, entre os séculos XVI e início do século XX, com ênfase para a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Mostra como, para além da ideia consagrada na corrente dominante dos estudos sociológicos do esporte e da educação física, que indicam que o esporte e o treinamento corporal seriam um fenômeno secular, sem qualquer dimensão religiosa presente, o esporte e sua popularização na Inglaterra e nos Estados Unidos da América (e posteriormente em outros contextos) ocorreu a partir de uma justificativa teológica, tornando o esporte e o treinamento corporal uma potente ferramenta evangelizadora. Assinala também a mudança no lugar do corpo nesse movimento com relação à pré-modernidade católica e indica possíveis reverberações do conceito de secularização na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Religião, Tradição cristã reformada.

ABSTRACT

The article discusses the relationship with the body produced in the tradition of Reformed Christianity in the Anglo-Saxon context between the 16th and early 20th centuries, with an emphasis on the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century. It shows how, beside the idea enshrined in the mainstream of sociological studies of sport and physical education, which indicate that sport and body training would be a secular phenomenon, with no religious dimension present, sport and its popularization in England and in the United States of America (and later in other contexts) occurred from a theological justification, making sport and body training a powerful evangelizing tool. It also points out the change in the body's place in this movement in relation to Catholic pre-modernity and indicates possible reverberations of the concept of secularization in contemporary times.

¹ Prof. Doutor no Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: santiago.pich@yahoo.com.br.

KEY WORDS: Body, Religion, Reformed Christianity.

INTRODUÇÃO

O esporte é visto, mormente, na análise sociológica, como um fenômeno eminentemente *moderno*. Portanto, ao analisar esse fenômeno social se reconhece a especificidade do período moderno, e se opera com a ideia de que este momento histórico não seria uma derivação de períodos anteriores, nem tampouco que seria uma continuidade evolutiva, mas que comporta uma especificidade que lhe caracteriza. Um marcador central para a análise da modernidade é, pelo menos desde o momento da emergência da teoria sociológica weberiana, o conceito de secularização. A tradição weberiana tem postulado que o principal núcleo de sentido para tal conceito implica na separação funcional das esferas sociais, dando centralidade à separação entre a esfera política e a religiosa. Assim, o surgimento de um espaço público laico, centrado na figura do Estado, é uma imagem política de capital importância para a compreensão do período moderno. A esfera pública não teria (ou não deveria ou poderia ter) influências de princípios teológico-religiosos para a sua constituição, sendo a dimensão religiosa situada na esfera da vida privada dos sujeitos. Esse conceito tem sido adotado quase linearmente nas teorias sociológicas *mainstream*. O esporte seria definitivamente um fenômeno moderno, expressão de um mundo secularizado, sem marcas religiosas.

O conceito supracitado pode ser observado em duas obras clássicas da sociologia do esporte: *From ritual to record – the nature of modern sport*, de Allen Guttman, que veio a lume em 1978 (Guttman, 1979), e na coletânea de artigos reunida no livro *Quest for excitement – Sport and leisure in the civilizing process*, de Norbert Elias e Eric Dunning, inicialmente publicada em 1986 (Elias e Dunning, 1992). No primeiro livro, Guttman (1979) entende que a secularização é uma das características do esporte moderno, e que este (o esporte) é a principal expressão do processo de racionalização da relação com o corpo na modernidade, pautando-se pela lógica das comparações objetivas dos resultados (o imperativo da mensuração), tendo o recorde como um elemento constitutivo. Daí que vem o título: *do ritual ao recorde*, ou, podemos dizer de outro modo, do ritual religioso ao recorde racionalizado, e, portanto, não religioso. Esse livro está pautado meta-teoricamente pela noção largamente enraizada nas ciências

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

sociais de que na modernidade imperaria a racionalidade (instrumental), afastando-se do pensamento mítico-religioso. Por outro lado, o livro de Elias e Dunning se vale do princípio de que o esporte seria uma transformação radical das práticas corporais pré-modernas, e, a partir da matriz analítica da teoria figuracional elisiana, compreende o esporte como o resultado de um conjunto de fenômenos que se articulam sem, contudo, responder a um movimento necessário da história. Por outro lado, o lugar do corpo é central nessa análise, por ser um espaço fundamental para a formação do sujeito moderno, calcado na crescente repressão das expressões do corpo, e, neste caso, pela expressão controlada da violência, e pela busca da excitação, que não encontra vazão na vida moderna altamente racionalizada. Embora os autores trabalhem com fontes que indicam o relevante papel que cumpriu a religião para a popularização do esporte, a saber: a escolarização do esporte iniciada pelo pastor e pedagogo anglicano Thomas Arnold na escola de Rugby, os autores separam a religião do fenômeno de controle da violência, como se de dois elementos distintos se tratasse, evitando avançar na compreensão do problema da relação entre esporte e os princípios teológico-religiosos que sustentam a sua escolarização e popularização.

Devemos assinalar, ainda, que o próprio conceito de *secularização* tem sido ao longo do século XX (e continua sendo no século XXI) objeto de controversas e acalorados debates acadêmico-políticos (MARRRAMAO, 1997), alcançando o lugar de um vetor central na política das ideias acerca do estatuto da modernidade: 1) se este é um período que alcança autonomia com relação à religião, ou 2) se é um tempo no qual a potência religiosa permanece, porém sob outras roupagens.

No Brasil (mas também poderíamos dizer o mesmo da América Latina) pouco tem se preocupado com a investigação sobre a relação entre esporte e religião na modernidade. Há um conjunto interessante de estudos sobre o esporte e o movimento pentecostal e neopentecostal. Destaco o interessante e pioneiro trabalho realizado por Airtton Jungblut sobre os atletas de Cristo em sua dissertação de mestrado (JUNGBLUT, 1994). Além dos atletas de Cristo, outro objeto importante que tem merecido atenção são as relações entre a adesão religiosa, principalmente a igrejas pentecostais que se pautam por uma moral mais rígida na relação com os costumes e com o corpo, como a Assembleia de Deus (AD), e a participação de crianças nas aulas de educação física escolar (RIGONI, 2008; 2013).

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

Contudo, pouco espaço tem ganhado a análise da influência dos primeiros propagadores do esporte no mundo, a tradição cristã reformada do contexto anglo-saxão. Raros são os trabalhos nesse sentido, dentre os quais destacamos o estudo sobre a Associação Cristã de Moços em Porto Alegre e a propagação do esporte nessa cidade (MAZZO *et al.*, 2012). Em outros contextos, principalmente nos Estados Unidos, mas também na Europa, se observa um acúmulo expressivo de pesquisas que visam compreender a relação entre o esporte e a religião na modernidade (voltaremos a este ponto ao longo do texto).

Se entendemos que o esporte é a expressão hegemônica da cultura corporal de movimento na modernidade ocidental, nos perguntamos, neste estudo, em que medida essa prática corporal (que a entendemos como multifacetada e plural) comporta uma *assinatura* (AGAMBEN, 2009, 2011) religiosa. Se entendemos que o esporte é um vetor fundamental na configuração da relação do sujeito moderno com o corpo, esse aspecto parece-nos crucial. Isto se torna mais potente se lembramos que ao longo do século XX vimos acontecer o fenômeno da *esportivização da cultura corporal*, o que significa que diversas práticas corporais, originariamente não esportivas (como a capoeira, o yoga, as práticas de musculação, etc.), passaram a assumir os códigos do esporte. Estamos interessados, portanto, em compreender e problematizar a tese que postula que o esporte seria uma prática corporal secular, sem interferência religiosa, e, se é possível suspeitar que o esporte tenha nascido com uma *assinatura* religiosa cuja potência se revela presente até a contemporaneidade.

Lançaremos mão de uma literatura presente no âmbito internacional, que ainda tem encontrado escassa ressonância no Brasil, para mostrar outras compreensões possíveis sobre o fenômeno esportivo. Centraremos a atenção, neste momento, na relação entre o corpo e a tradição reformada anglo-saxã, procurando construir a genealogia dessa relação em formas secularizadas na contemporaneidade.

SOBRE O CONCEITO DE SECULARIZAÇÃO E SUAS CONTROVÉRSIAS

Na tradição dominante nas ciências sociais, o conceito de secularização é adscrito à tradição sociológica weberiana. Nesse registro, o conceito é entendido como tendo uma univocalidade, e como sendo localizado nos escritos de Max Weber sobre

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

sociologia do direito, quando aborda a questão da emergência do Estado Moderno. A noção está centrada na ideia de que a modernidade é um período histórico marcado pela separação entre as esferas sociais com uma relativa autonomia entre elas, sendo fundamental a separação entre a esfera da política e a esfera da religião, com a respectiva diminuição do poder religioso na vida pública (PIERUCCI, 1997). Esse movimento, resultado do crescente processo de racionalização pelo qual transcorre a história do ocidente, levou à emergência de uma esfera pública marcada pela laicidade, e ao surgimento de uma relação com a religião circunscrita à vida privada, como uma questão de opção pessoal realizada a partir das diferentes opções disponíveis no mercado religioso. Lembramos ainda, que a racionalização do mundo, conforme a teoria weberiana, tem dois vetores: a secularização e o desencantamento do mundo. Enquanto o primeiro conceito está atrelado à dimensão da vida pública, da vida política, o segundo se orienta pela mudança no regime de conhecimento que permite ao ser humano conhecer o mundo. Nesse sentido, o desencantamento do mundo, ou, como prefere Pierucci (2003), a desmágicização do mundo (tradução mais adequada do alemão *Entzauberung*), indica uma mudança de uma compreensão mágico-religiosa da realidade, para uma compreensão científico-racional do mundo. Destacamos, por fim, que em ambos os casos opera-se com a noção de que a dimensão religiosa estaria fadada a desaparecer do mundo moderno, pela crescente racionalização pela qual estava caminhando a história ocidental.²

Devemos assinalar, no entanto, que o conceito de secularização tem sido objeto de um forte debate ao longo do século XX, sendo que outra elaboração conceitual também tem se instalado no cenário das ciências sociais (que será apresentada a seguir), embora com menor notoriedade que a anterior, embora esse quadro tenha mudado no início do século XXI. Desde o início do século XX foi travada uma disputa epistemológico-política e político-semântica que teve a secularização como seu vetor. Como já dissemos acima, a tradição weberiana tem entendido que haveria uma univocidade no conceito de secularização. Contudo, com base no conceito weberiano, dois intelectuais que foram influenciados pelo pensamento weberiano – Walter Benjamin e Carl Schmitt – propuseram que a secularização também poderia ser pensada

² Contudo, importa comentar que na obra weberiana a racionalidade (instrumental) e o carisma não operam a partir de uma lógica etapista ou evolutiva, mas Weber alerta para a presença do carisma (religioso) no mundo moderno.

como uma transferência do religioso para outras esferas da vida social, para o campo da economia, na leitura de Benjamin (BENJAMIN, 2013), e para o campo do direito, no caso de Schmitt (SCHMITT, 2006). Para além dos autores citados, houve um pequeno, porém destacado, conjunto de filósofos e teólogos preocupados no debate sobre a presença do religioso na modernidade. Dito de outro modo, a pergunta que mobilizava esse debate era em que medida a modernidade era um período que havia se emancipado da presença do religioso na vida pública, ou se tratava-se de um tempo no qual o religioso continuava presente, porém sob outras roupagens em outras esferas sociais que não a própria esfera religiosa.³ Assim, foi elaborado um conceito de secularização que a concebia como a transferência de princípios teológico-religiosos da esfera religiosa para outras esferas da vida social, e, por consequência, entendia a modernidade como um período histórico construído sob um alicerce teológico-religioso, apresentada sob a fachada da emancipação do religioso. Por esse motivo, as potências religiosas se fazem presentes na modernidade, e, por não serem reconhecidas como tais, operam com tanta ou mais força do que na pré-modernidade. Um autor da filosofia contemporânea que dialoga com os autores supracitados, o pensador italiano Giorgio Agamben, recupera esse debate, para, com base nele, conceber a secularização como uma *assinatura*. Isto é, como um conceito que remete a algo cuja emergência se apresenta em um contexto diferente daquele que no qual se expressa. Vejamos as palavras de Agamben (2011, p.16):

(...) a secularização atua no sistema conceitual moderno como uma assinatura que o remete à teologia. Do mesmo modo como, de acordo com o direito canônico, o sacerdote secularizado devia levar consigo um sinal da ordem a que havia pertencido, assim também o conceito secularizado exibe como assinatura seu pertencimento passado à esfera teológica.

Na citação acima vemos retratada uma compreensão da secularização e da modernidade diferente da proposta pela tradição weberiana. Com relação à primeira (secularização), vemos que é concebida como um operador conceitual de passagem do

³ Importa assinalar que as motivações desse grupo de intelectuais não eram de modo nenhum comum, mas diversa, inclusive totalmente oposta como é o caso dos autores citados (sendo inclusive esse o motivo de tê-los mencionado) Walter Benjamin, um dos mais importantes críticos do nazi-fascismo do século XX, e Carl Schmitt, justamente o principal jurista do *III Reich*.

teológico-religioso para outros âmbitos da vida social. Já a modernidade e o sistema conceitual que a sustenta, são situados como alicerçados em princípios de raiz religiosa que são transferidos para outras esferas da vida social. Portanto, nesta visão, a modernidade não é um período no qual o religioso desaparece da vida social, ou fica circunscrito à dimensão da vida privada, mas pelo contrário, é constitutivo da modernidade.

Essa outra compreensão da secularização é a que usaremos como baliza para tentar compreender a presença de princípios teológico-religiosos na esfera esportiva moderna, procurando situar a relação com o corpo, e as possíveis reverberações dessa relação para além da dimensão estritamente esportiva, notadamente as práticas de *body building* e do treinamento corporal em academias de ginástica e musculação.

SOBRE O CORPO, A RACIONALIDADE E A TEOLOGIA NA MODERNIDADE

Nas diversas áreas do conhecimento que tem o corpo como objeto na modernidade, notadamente as ciências biomédicas e a educação física, parece haver certo consenso sobre a dissociação entre a ciência e a teologia, com relação aos saberes que passam a ocupar o lugar de discurso oficial do corpo. No caso da medicina é largamente conhecida a *caça às bruxas* que se instalou para perseguir e condenar a quem exercesse o ofício da cura do corpo, com o recurso a saberes mágico-religiosos, em detrimento do saber científico. Já no caso da educação física sabemos do lento movimento operado para racionalizar a relação com o corpo para apagar os modos pré-modernos de práticas corporais calcados nas práticas funambulescas, no grotesco e nas práticas corporais populares, realizadas fora de qualquer calculabilidade e não mediadas por regras (quase) jurídicas, que passassem pelo controle das emoções e por evitar o exercício deliberado da violência física contra o oponente. De algum modo também passa a se entender neste caso que a racionalidade científica opera como um modo de *exorcizar* os males causados pela relação com o corpo não marcada pelos princípios da calculabilidade e da eficiência (SOARES, 2002).

No entanto, ambas as posições passam ao largo de que a própria racionalidade científica moderna foi, pelo menos em parte, construída sob um edifício teológico. Um

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

dos autores mais relevantes para a emergência dos estudos demográficos e da epidemiologia, o belga Adolphe Quetelet, partia do pressuposto (como de resto, os demais cientistas formados na tradição puritana) de que o acesso ao saber científico era um dom divino outorgado aos seres humanos, para poder desvendar as leis imanentes do mundo que eram de criação divina. Além disso, o referido autor postulava que o acesso a tal saber era fundamental para o *bom governo* do mundo (PICH, 2013). Por outro lado, o esporte moderno tem como um dos seus marcos de emergência a disputa travada entre a coroa inglesa, durante o reinado de Jaime I (1567 – 1625) e de Carlos I (1625 – 1649), a partir da publicação do Dito Real de Jaime I publicado em 1617 e reeditado em 1618, intitulado *Book of sports*, que era uma lista de atividades esportivas e de lazer que era aprovada para ser realizada aos domingos, dia reservado ao culto divino pelos puritanos e em que havia a proibição de qualquer outra atividade laboral ou de lazer. O objetivo do dito real era enfraquecer o engajamento dos puritanos promovendo a prática do esporte no dia do culto. O dito foi reativado por Carlos I durante seu reinado, em 1633, visando o mesmo objetivo que seu pai, criar uma tensão dentro do movimento puritano. Contudo, conforme Weber (2004), a resposta puritana não demorou em aparecer. Os puritanos, diante da força do emergente fenômeno esportivo, o funcionalizaram dentro da lógica da *ética do trabalho*. Isto é, a única finalidade possível para a prática esportiva era a recuperação e o desenvolvimento da força para fins produtivos, para o trabalho, e somente permitida desde que não fossem expressadas emoções que levassem aos deleites do corpo, à lassidão.

O último aspecto citado, a relação do puritanismo com o corpo, tem sido praticamente negligenciada no campo das ciências sociais e da educação física no âmbito latino-americano. Uma possível hipótese para explicar tal situação é o fato de que esta parte da América tem uma larga tradição católica, o que, provavelmente, levou tais estudos a não se atentarem para a presença *secularizada* de princípios teológico-religiosos de outras tradições, notadamente a tradição do cristianismo reformado anglo-saxão, em particular da tradição anglicana, e da matriz calvinista (o puritanismo).

Retomando o debate em torno ao puritanismo, a partir dos elementos iniciais que assinalamos a partir de Weber, é importante dizer que na tradição puritana se produz um conceito de corpo que será de fundamental importância para a modernidade: o de *muscular Christianity* ou cristandade muscular. Se a análise de Max Weber sobre a ética

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

do trabalho recaía em modos de ação orientados por princípios teológico-religiosos que, posteriormente, foram secularizados para todos os homens modernos – os que trabalham e os que não o fazem, até que queime o último combustível fóssil (WEBER, 2004) –, no que tange ao corpo, é importante dizer que os princípios da ética do cristianismo reformado anglo-saxão têm reverberado para outros espaços que não os institucionalmente religiosos. Neste momento importa nos remontar até o século XIX, portanto dois séculos após o período de início da funcionalização do esporte na lógica da ética do trabalho. No contexto da Inglaterra (ou do Reino Unido) da época victoriana, ocorre um fato de singular importância para o desenvolvimento da cultura corporal de movimento moderna: a escolarização do esporte por parte do pedagogo e pastor anglicano Thomas Arnold (1795 – 1842), na escola de Rugby. Arnold foi o responsável por impulsar uma profunda reforma na escola da qual ele se tornou diretor entre os anos de 1828 até a sua morte, em 1842. A reforma era constituída por três pilares: em primeiro lugar a centralidade da formação religiosa, em segundo a dimensão moral e por fim a dimensão intelectual. Ainda, Lucas (1967) aponta para o esporte como sendo o quarto componente da pedagogia de Arnold. O intuito da pedagogia era a constituição do *gentleman* inglês, isto é, de uma formação masculina calcada pelos valores da pequena burguesia e da aristocracia inglesas. Nesse contexto, o esporte é escolarizado dentro desse conceito pedagógico, sendo fundamental na formação moral dentro de um contexto religioso.

Porém, essa não é a ideia mais largamente analisada nos estudos sociológicos e historiográficos. Por exemplo no trabalho de Dunning e Sheard (1979) a ênfase recai sobre o processo de controle e repressão da violência nas escolas inglesas através da implementação do esporte, sem atentar para a dimensão religiosa. Contudo, Arnold, como já dito, afirmava a centralidade da dimensão religiosa do *gentleman* inglês, que sem a adjetivação de *christian* não estava completo. O ideal formativo era o de um *christian gentleman*, um homem inglês *cristão*, portanto: masculinidade, nacionalidade e religião. Lucas (1975) assinala que o interesse de Arnold era a formação de: 1) um cristão; 2) um *gentleman* e, 3) um homem educado; e nessa ordem. O lugar das práticas corporais, em particular do esporte, no ideal formativo de Arnold não era central, porém foi um primeiro movimento para institucionalizar as práticas esportivas na instituição escolar. Deve-se, contudo, indicar a importância de Arnold na implementação do

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

esporte como um instrumento de formação moral na lógica da cristandade, de uma *moral física*, isto é, de uma moral que tem no corpo um importante ancoradouro (LUCAS, 1975). Cumpre ressaltar que no contexto britânico a ideia da formação humana calcada no tripé: formação intelectual, moral e física será a base do ideal formativo da Grã-Bretanha a partir da clássica obra de Herbert Spencer *Educação intelectual, moral e física* (SPENCER, 1888). Outro aspecto relevante a ser apontado diz respeito ao caráter de classe desta formação. Com base no legado de Arnold foi se estruturando uma formação dos jovens das classes médias e da aristocracia inglesa pautada nos princípios de uma revigorada moral cristã, movimento no qual o corpo começou a ganhar cada vez mais destaque.

Um momento de capital importância no processo de ampliação foi a publicação do livro *Tom Brown scholars* (Os dias escolares de Tom Brown) em 1857, escrito por um *old-boy* (ex-aluno) de Rugby, e profundo admirador de Thomas Arnold, Thomas Hughes. Nesse livro, um romance de formação, o tempo é situado em 1830 e Hughes descreve apaixonadamente o ambiente formativo que ele tivera na escola de Rugby, transparecendo o papel fundamental de Arnold como idealizador do processo formativo. Um capítulo do livro é dedicado ao conceito de *muscular christianity* (cristandade muscular). Nele encontramos a ideia de que a formação de um homem cristão deve estar pautada por uma vigorosa formação corporal, sendo o esporte o principal meio para tanto (HUGHES, 1911). Também é destacado nesse capítulo a ideia de camaradagem, de disciplina, de coragem, de formação de um belo corpo e de dever patriótico adquiridos no esporte. O conceito incipiente da *muscular christianity* está orientado pela ideia de que o esporte é um modo legítimo de dar forma e fortalecer o corpo masculino para o culto a Deus.

Importa destacar que um elemento que está em pauta como pano de fundo do movimento acima descrito se realiza no debate teológico no âmbito anglo-saxão. Trata-se da importância de *remasculinizar* o cristianismo. Dentro da disputa por legitimidade no subcampo cristão, no campo religioso, os teólogos das igrejas do cristianismo reformado problematizam um importante aspecto na constituição do aparato teológico cristão, qual seja, o lugar atribuído ao feminino na história do cristianismo, em particular pelo catolicismo. Ao longo da segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX o catolicismo é acusado, por parte de teólogos anglo-saxões de

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

matriz anglicana e puritana (principalmente estes últimos), de haver feminilizado o cristianismo, atribuindo um lugar de santidade indevido à Virgem Maria. Livros como *The masculine power of Christ – or Christ measured as a man* (PIERCE, 1912) e *The manly Christ* (CONANT, 1904) são mostras eloquentes desse movimento. A virilidade é defendida como uma marca da natureza do cristianismo que teria sido corrompida por uma exegese equivocada dos evangelhos, e, para restituir o cristianismo à sua verdadeira essência, seria urgente recuperar a dimensão masculina e masculinizante da fé cristã e da figura de Cristo. A cristandade muscular é um instrumento (e um dos mais importantes) para operar essa revirilização do cristianismo. Ressaltamos, portanto, o processo de justificação teológica do treinamento corporal que se realiza no contexto teológico reformado dos países anglo-saxões. A partir do trabalho de Arnold, mas, conforme já indicamos, principalmente dos seus seguidores, o corpo passa a ser considerado como uma dimensão constitutiva da formação moral e do caráter do *christian gentleman*.

A ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS (ACM), A CRISTANDADE MUSCULAR E A EVANGELIZAÇÃO DAS CLASSES TRABALHADORAS

Uma instituição de fundamental importância para a compreensão do processo de popularização das práticas esportivas com a finalidade da formação de sujeitos cristãos foi, sem sombra de dúvidas, a *Young Men's Christian Association (YCMA)* (Associação Cristã de Moços – ACM⁴ – na língua portuguesa). A entidade foi fundada em 1844 em Londres por George Williams, com a finalidade de abrigar, oferecer oportunidade de inserção laboral e de formação cristã aos jovens migrantes do ambiente rural que passavam a povoar as cidades inglesas. Williams era ele próprio um caso desse movimento, e foi inspirado na própria condição de vulnerabilidade e dos trabalhos de evangelização que realizara junto a jovens no ambiente rural e urbano, que iniciou os trabalhos da ACM. A mudança de foco na classe social da ACM, orientada principalmente (porém, não exclusivamente) à classe trabalhadora, diferentemente do sistema das *public schools* inglesas, que atendia às classes médias e à aristocracia,

⁴ No texto nos referiremos doravante à entidade com a sigla em português: ACM.

ampliou significativamente a popularidade da formação corporal cristã na modernidade, em particular dentro da juventude (BOLÒS; TORRANO, 2004).

A instituição vivenciou um rápido processo de expansão em direção a outros países europeus, e aos Estados Unidos da América. Foi no contexto norte-americano que a ACM desenvolve as bases do seu programa de educação física, a partir do qual iniciou um processo de expansão mundial (TLUSTÝ, 2016). A ACM norte-americana foi a responsável pela criação do departamento de educação física da instituição, e pela criação da primeira escola de treinamento em Springfield (Ibid.). Vale a pena mencionar que a formação de treinadores e de professores de educação física em instituições próprias foi um dos mais importantes recursos da instituição para a difusão do seu ideário evangelizador através do esporte e da formação corporal cristã. Inclusive no Brasil se observam reflexos desse processo, em Sorocaba (SP) um dos mais importantes cursos de formação superior em Educação Física pertence à ACM do Brasil, a Faculdade de Educação Física de Sorocaba (FEFISO), instituição isolada que oferta somente os cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física, e que funciona de forma ininterrupta desde 1974. As instituições superiores de treinamento esportivo e formação superior em educação física foram um importante espaço de produção de conhecimento e de desenvolvimento de práticas corporais inspiradas pelos princípios teológicos da formação corporal cristã. Além disso, elas foram a via de acesso da ACM às camadas médias da sociedade norte-americana (BOLÒS; TORRANO, 2004). Conforme Tlustý (2016) foi nas escolas de Springfield e Boston que a ACM desenvolveu o seu sistema de educação física entre a década de 80 do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX.

O caso da pioneira escola de Springfield é digno de nota, uma vez que nele desenvolveu suas atividades profissionais James Naismith. Bolòs e Vilanou (2004) demonstram que claramente Naismith era um crente nos valores do esporte para a formação cristã. Ainda, ele era conhecido como o *Tom Brown* norte-americano, como o representante da cristandade muscular nos Estados Unidos (BOLÒS; TORRANO, 2004). Como é largamente conhecido, Naismith foi o criador do basquetebol, porém não é tão conhecida a sua ligação com o movimento da cristandade muscular, nem tampouco o fato de que a criação de um dos mais populares esportes modernos tivesse inspiração na formação cristã. Se observarmos as regras do basquetebol (notadamente

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

daquelas elaboradas por seu criador), veremos que nelas há, claramente, a intenção de minimizar a expressão de agressividade e violência, a partir da diminuição do contato físico, que se promove a coragem e a virilidade, e o respeito ao *fair play*. Na análise do basquetebol e sua relação com a religião Bolòs e Vilanou (2004) constatam que este esporte e as regras que foram criadas originariamente refletem o modo de vida da sociedade moderna, já na sua fase de desenvolvimento tecnológico, bem como que representa o espírito puritano presente na ACM e na sociedade norte-americana da época. Isto é, para os autores citados, o basquetebol é uma expressão do ideário cristão presente na ACM. Além desta modalidade de esporte, também o voleibol foi criado na ACM dos Estados Unidos por William Morgan na unidade da ACM de Massachusetts, também com o ideário da evangelização e da formação cristã como pano de fundo (BERTÓN; HOURS, 2019).

Esse modelo de relação com o corpo foi, posteriormente, disseminado pelo mundo a partir da expansão da ACM mundo afora. A modo de síntese do que apresentamos acima podemos dizer que o modelo de treinamento corporal desenvolvido pela ACM dos Estados Unidos foi de crucial importância para a configuração da relação do sujeito com o seu corpo na modernidade a partir de meados do século XIX em diante. Esse processo teve uma importante presença na América do Sul, se lembramos, pelo menos, de três fatos: a) o primeiro país da América Latina no qual a ACM se instalou foi o Brasil, tendo sua primeira sede sido aberta no Rio de Janeiro em 1893 por Myron August Clark. Além disso, diante do crescimento da entidade e da necessidade de representatividade em nível internacional, em 1903 foi criada a Federação Brasileira das Associações Cristãs de Moços; b) o primeiro acampamento realizado na América Latina por uma ACM ocorreu em 1903 na Argentina; e c) em 1930 foi criado o futsal na ACM de Montevideú – Uruguai, pelo professor Juan Carlos Ceriani.

TREINAR O CORPO PARA GLÓRIA DE DEUS: A PERSONAGEM HISTÓRICA FICCIONADA DE ERIC LIDELL NO FILME *CARRUAGENS DE FOGO*

Eric Lidell foi um cidadão escocês, vinculado à Igreja Presbiteriana. Nasceu (1902) e faleceu (1945) na China, sendo missionário nesse país da igreja à qual

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

ptencia. Contudo, o que tornou Lidell internacionalmente famoso foi a sua participação nos Jogos Olímpicos de Paris, realizados em 1924. A sua saga foi imortalizada no filme *Carruagens de Fogo (Chariots of fire)*⁵, que ganhou o prêmio Oscar ao melhor filme em 1981. Lidell, embora nascido na China, realizou a sua formação na Escócia, país no qual se notabilizou pelo seu talento esportivo, se desempenhando como atleta nas seleções de rugby e atletismo. Porém, foi deste último esporte que veio a sua fama internacional. Ele optou por participar nos Jogos Olímpicos nas modalidades de 100 e 200 metros rasos, embora posteriormente desistisse de correr os 100 metros rasos, e disputasse os 400 metros rasos.

O filme *Carruagens de fogo* apresenta o espírito de época do início do século XX, pouco tempo depois de finalizada a primeira guerra mundial. Portanto, em um momento seguinte ao fim da era victoriana (mas, no qual o espírito de época victoriano, todavia, fazia-se presente de maneira marcante na vida social e política), e no qual a Grã-Bretanha gozava de grande poder econômico e político em escala global. Ainda, devemos destacar que o filme está ambientado em um contexto esportivo no qual o amadorismo ainda era imperante, portanto longe do treinamento esportivo ditado pelas regras da ciência do esporte e da presença de atletas profissionais. Além disso, ainda não se estava na era da participação mais ampla das mulheres, sendo os Jogos Olímpicos um evento do qual tomavam parte quase exclusivamente homens. O *ethos* do *sport* da época era representado pelos homens burgueses dos países europeus.

O filme apresenta dois personagens em oposição: Eric Lidell, interpretado por Ian Charleson, e Harold Abrahams, interpretado por Ben Cross. Essa disputa tem como pano de fundo dois elementos centrais: o pertencimento religioso (a dimensão étnico-religiosa) e a condição de classe. Harold Abrahams é filho de judeus de uma classe média em ascensão, que vê no esporte um meio de reconhecimento social, e de enfrentamento da discriminação étnica da qual era objeto. Eric Lidell era um sujeito cristão (presbiteriano, conforme já assinalamos) e pertencente às camadas populares de origem campesina da Escócia. Abrahams é apresentado como o sujeito tipicamente moderno, que vê o resultado esportivo (e da vida) como mérito pessoal, e a competição como o modo de ser das relações sociais. Portanto, perfeitamente adaptado ao espírito

⁵ Optamos neste trabalho por nos valer do modo de retratar a figura de Lidell nesse filme, pela popularidade alcançada internacionalmente a partir dele, e por entendermos que os elementos que importam para este trabalho são apresentados de maneira fiel nessa obra fílmica.

da época. Lidell é um cristão que se debate entre o seu raro talento esportivo e as interdições religiosas para o treinamento corporal. Esse é o elemento do filme que será objeto de nossa reflexão. Além disso, ganha destaque no filme o lugar da moral burguesa e sua relação com as práticas esportivas e de lazer.

Lidell era o representante principal da equipe de atletismo da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos de Paris. Nas partes iniciais do filme se observa as tribulações e conflitos que ele teve que enfrentar para poder justificar a sua dedicação ao treinamento para competir nos jogos. Em primeiro lugar se destaca a necessidade de elaborar a ideia de treinar o corpo para uma finalidade que não fosse o trabalho. Ele encontra na sua comunidade religiosa uma justificativa para isso, que o leva a entender o seu talento esportivo como um dom divino. Desse modo, treinar o corpo passa a ser concebido como uma forma legítima de cultuar e honrar a Deus. Arriscando uma interpretação weberiana, poderíamos dizer que, se, conforme a leitura de Weber (2004) sobre o puritanismo, o enriquecimento honrado é um dever, e recusá-lo seria contrariar a vontade divina, assim também o treinamento corporal com vistas à glorificação de Deus, passa a ser, nesse registro, um dever, uma vez que o talento esportivo passa a ser concebido como um dom divino. A isso está atrelado o problema de lidar com o desenvolvimento muscular e a questão narcísica a ele associada, que para um sujeito moderno seria algo desejável. Com isso queremos dizer que no caso do treinamento corporal no esporte, emerge a dissociação entre treinar o corpo e o trabalho como única finalidade legítima, como havíamos apontado acima com relação à disputa entre os puritanos e a Coroa Inglesa. Neste caso o corpo é treinado para mostrar a sua própria performance, daí que advém o caráter narcísico do treinamento, problema de difícil equação para um cristão da tradição reformada. Para Lidell o destaque com relação à comunidade é uma questão a resolver, e a saída para isso é a noção de exemplaridade. Ele seria um exemplo a orientar a sua comunidade religiosa rumo ao caminho da salvação, bem como para conquistar novas almas para o cristianismo. Desse modo, justifica-se a sua dedicação ao treinamento esportivo.

Uma vez sanado o problema da legitimidade de treinar o corpo, um segundo conflito que se apresenta para o atleta presbiteriano, foi o dia em que foram marcadas as eliminatórias para a disputa dos 100 metros rasos: um dia de domingo. Ele se encontra diante de um dilema moral: participar da competição para honrar a pátria ou recusar a

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

participação para atender ao princípio religioso-moral de não realizar nenhuma atividade aos domingos, que não fosse para cultuar a Deus. Ele optou por não participar da competição dos 100 metros rasos, abrindo espaço para o seu oponente interno, Abrahams, tomar parte na competição. Diante desse cenário um colega da equipe de atletismo, cede a Lidell a sua vaga para participar da corrida de 400 metros rasos, prova atlética na qual ele se tornaria campeão olímpico.⁶ Nesse sentido, algo digno de nota ao longo do filme é a dimensão gestual de Eric Lidell. Mesmo nos momentos de vitória, a relação com o corpo é de contenção. Não se observa na gestualidade do atleta uma expressão aberta das emoções. Percebe-se que a ideia é indicar que é necessário e obrigatório ter uma relação austera com o corpo, para evitar cair na tentação do prazer corporal que está sempre à espreita.

Ao modo de síntese do que expusemos acima, importa assinalar que o filme é um bom recurso para compreender o processo que ocorreu na tradição reformada do cristianismo anglo-saxão para legitimar o treinamento corporal com vistas à performance esportiva. Cria-se nesse contexto uma racionalidade do treinamento que encontra a sua justificação no âmbito teológico-religioso. O corpo treinado exibe a sua performance para a glória de Deus, para servir como espaço evangelizador, e de demonstração do vigor masculino do cristianismo. Treinar o corpo, quando se recebeu o *dom* divino do talento esportivo não é mais uma opção, mas um dever de um bom cristão. Muda radicalmente nesse contexto o modo de relação com o corpo que era típico da tradição católica pré-moderna, o de esconder o corpo e submetê-lo a rígidas práticas de sofrimento. O controle sobre o corpo permanece, e de maneira tão ou mais forte do que na pré-modernidade. Porém, o valor de exposição ganha centralidade. Diante desses elementos nos perguntamos em que medida essas ideias ainda ecoam no presente

⁶ Pode parecer que esse movimento teria sido forte no período histórico mencionado, e que não seria mais possível na atualidade. Contudo, como assinalam Bolòs e Torrano (2004), o campeão olímpico e recordista mundial do salto triplo, o inglês Jonathan Edwards, não participou no campeonato mundial de atletismo em 1991 pelo mesmo motivo que Lidell, para não contrariar seus princípios religiosos de se dedicar a atividades não religiosas aos domingos. Ele mudou sua posição pelo mesmo motivo que Lidell, por passar a acreditar que seu talento esportivo nada mais era do que um dom divino. Contudo, nos anos 2000 ele deixou o cristianismo após uma crise de fé.

CORPO, MODERNIDADE/CONTEMPORANEIDADE E A ÉTICA DO TRABALHO CALCADA NO CORPO

O processo que temos descrito até o momento pode ser concebido como um esquema que nos aproxima da produção na modernidade de uma ética do trabalho calcada no corpo, e que, na medida em que a modernidade avança, se observa uma separação entre o treinamento corporal e a produtividade laboral como finalidade exclusiva, para ser o valor de exposição de um corpo potencialmente produtivo seu novo horizonte. Para tal discussão encontramos nas reflexões de Courtine (2005) uma rica fonte. Para ele, nos Estados Unidos da América se desenvolveu um *puritanismo ostentatório* na cultura americana do corpo. Sob esse conceito o autor justamente coloca em relação a ética puritana do trabalho e sua manifestação nas instituições de treinamento de *body building* no país do norte. Nesses espaços se observa um fascínio por um trabalho ascético e altamente controlado do corpo para possibilitar a exibição do espetáculo da musculatura. Nas academias de musculação, nas quais um componente central é o espelho que permite que todos se olhem e sejam olhados, se produz uma relação marcada pelo narcisismo dos praticantes que é alimentado dia-a-dia. O corpo ganha o lugar de espaço cultural, no qual se realiza o rito da celebração do desenvolvimento muscular. O treinamento é realizado à exaustão, inclusive ao custo de lesões ou de problemas posturais que podem vir a se tornar crônicos. O autor diagnostica que esse não é um fenômeno isolado, mas revelador da cultura americana contemporânea que tem no corpo e na relação narcísica para consigo dois pilares fundamentais que mantêm uma relação de implicação. Portanto, nesses espaços de culto ao corpo a ética do trabalho de origem puritana permanece, porém sob a roupagem secularizada de um treino ascético com vistas ao espetáculo da exibição da musculatura.

Com base nessa ideia podemos arriscar uma hipótese de pensar as academias de musculação contemporâneas como espaços nos quais se opera a partir de uma moral do corpo puritana, mas cujas raízes teológico-religiosas foram esquecidas (o que torna a dimensão religiosa ainda mais forte). A ideia, cada vez mais popularizada, de viver uma *vida de atleta* é um modo de vida que alcança na contemporaneidade cada dia novos adeptos. Porém, é relevante nos perguntarmos: o que significa esse modo de vida? E mais, por que o designamos como um modo de vida? Atualmente se reconhecer na

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

identidade de atleta não é mais restrito a quem treina formalmente para competir em alguma modalidade esportiva, mas com esse conceito se designa a quem vive uma vida altamente regrada em todas suas dimensões, um ascetismo intramundano centrado no corpo. Trata-se de alguém que tem horários fixos de treinamento corporal que é realizado a partir de princípios racionais oriundos da *ciência do treinamento esportivo*, que regula as horas de sono, que tem uma alimentação controlada e saudável, e que, cada vez mais, se vincula a um grupo que partilha desses princípios morais. Os grupos de corrida, caminhada, ciclismo, etc. podem ser pensados como grupos que orientam a sua vida a partir de princípios de ascetismo corporal intramundano que tem na prática esportiva o elemento que os agrega, porém, esses princípios respondem a uma ética religiosa secularizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo parece indicar que a forte presença no campo acadêmico (em particular das ciências sociais) da postura de que a ciência seria uma criação da razão, emancipada das raízes religiosas, tem levado a obscurecer um capítulo importante da história moderna, justamente aquela na qual o fundamento religioso da modernidade é levantado como possibilidade. Além disso, entendemos que somente se escavamos nesse terreno praticamente inexplorado em nossos trópicos é que poderemos ter acesso a outra relação com o nosso presente, e com o por-vir (que está sempre vindo, que está sempre sendo...).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Signatura rerum**: sobre el método. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória**: uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo, 2011.

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BERTÓN, Evangelina; HOURS, Germán. Evangelización, deporte y pedagogía: la génesis del voleibol. **Temps d'Educació**, Barcelona, n. 57, p. 175-192, 2019.

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

BOLÒS, Oriol de; TORRANO, Conrad V. Joventut, esport i religió: el moviment Muscular Christianity. **Educació i Història: Revista d'Història de l'Educació**, Barcelona, n. 7. p. 63-92, 2004.

BOLÒS, Oriol de; VILANOU, Conrad. **Sobre l' origen del basquet**: quan la religió esdevé esport. *Ars Brevis*, Barcelona. p. 11-42, 2004.

CONANT, Robert Warren. **The manly Christ**: a new view. Chicago: New York Public Library, 1904.

DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. **Barbarians, gentlemen and players**: a sociological study of the development of Rugby Football. Londres: Routledge, 1979.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GUTTMAN, Allen. **Vom Ritual zum Rekord**: Das Wesen des modernene Sports. Schorbdorf: Hoffmann, 1979.

HUGHES, Thomas. **Tom Brown's Schooldays**. Nova Iorque: Harper and Brothers, 1911.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **Entre o Evangelho e o Futebol**: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de atletas de Cristo em Porto Alegre. Dissertação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

LUCAS, John. Baron de Coubertin and Thomas Arnold. **Bulletin du Comité International Olimpique**, Lausanne, n. 98-99, p. 58-60, 1967.

LUCAS, John. Victorian 'Muscular Christianity' Prologue to the Olympic Games Philosophy. **Olympic Review**, Los Angeles, n. 97-98, p. 456-460, nov./dez.1975.

MARRAMAIO, Giacomo. **Céu e terra**: genealogia da secularização. São Paulo: UNESP, 1997.

MAZZO, Janice Zarpellon. Z; SILVA, Carolina. F.; FROSI, Tiago. O. A Associação Cristã de Moços e a propagação do esporte em Porto Alegre. **Kinesis**, Santa Maria, v.30, n.1, p. 158 – 173, jan./jun.2012.

PICH, Santiago. Adolphe Quetelet e a biopolítica como teologia secularizada. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n.3, jul./set. p.849-864, 2013.

PIERCE, Jason Noble. **The masculine power of Christ**: or Christ measured as a man. Boston: The Pilgrim Press, 1912.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Rev. bras. Ci. Soc**, v.13, n.37. p. 43-73, 1998.

Esporte, modernidade e secularização: notas sobre a presença da tradição religiosa reformada anglo-saxã no esporte moderno - Santiago Pich - p. 91-110

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

RIGONI, Ana Carolina. Capellini. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino**: implicações para a educação física escolar. Dissertação de mestrado em Educação Física. UNICAMP. Campinas, 2008.

_____. Ana Carolina. Capellini. **Corpos na escola**: (des) compassos entre a educação física e a religião. Tese de doutorado em Educação Física. UNICAMP. Campinas, 2013.

SCHMITT, Carl. **Teologia política**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

SOARES, Carmen. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 2002.

SPENCER, Herbert. **Educação intelectual, moral e physica**. Porto: Casa Editora Alcino Aranha & Companhia, 1888.

TLUSTÝ, Tomáš. The American YMCA and its physical education program: first steps to world expansion. **Studies in sport humanities**, n. 20, p. 39-47, 2016.

Filmes

Chariots of fire (Carruagens de fogo). HUGH, Hudson (Diretor) Estúdio: 20th Century Fox. Los Angeles – Estados Unidos, 1981.

Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020
--